

Dentro De Wall Street — Capital Semântico

Sempre acreditei em ajudar as pessoas a tomar as melhores decisões, encorajando-as a raciocinar, a pensar, a encontrar lógica e a levar adiante as suas ideias, onde a mudança não representa uma área de instabilidade, mas sim uma sólida evolução do pensamento, nada mais.

Mas isso sozinho não bastava, porque era sempre necessário encontrar a contraparte certa, alguém capaz de compreender o máximo possível, alguém disposto a analisar riscos, aspectos nobres, lucros, como todos os cavalheiros que trabalham todos os dias dentro dos sistemas e dos valores financeiros, administrando o mundo.

Os Cavalheiros de WALL STREET.

Então acontece que, enquanto a apresentação das contas trimestrais pode definir um lucro ou uma perda, e a consequente reavaliação dos preços das ações, o ruído de mercado gerado por notícias ou acontecimentos muitas vezes irrelevantes em si mesmos, mas abertos à interpretação, acaba ligado ao mundo econômico, industrial, político, da saúde, social, ou a qualquer outro, simplesmente como justificativa.

Ninguém é capaz de nos dar o índice de risco, dos novos comportamentos, e no entanto é prática comum deslocar os ativos decisórios dos conselhos, nem sempre intuitivos ou instintivos, conduzidos por um número um que se apoia num número dois, para que ninguém puxe a cadeira debaixo do seu traseiro.

Depois a justificativa passa a ser a governança ou o compliance corporativo, mas, se isso não bastar, alguém é sempre purificado, excluído e culpado porque, nos momentos de mudança, não teve a coragem de agir.

O fato histórico que já aconteceu

Isto representa a história do que foi e de como as pessoas daquele tempo a enfrentaram, e traz à mente o italiano que fundou o Bank of America e o seu ritual de conceder empréstimos sem garantias apenas observando os calos nas mãos das pessoas.

Todos o consideravam louco, imprudente. Mas não esqueçamos que, depois do terremoto do seu tempo, ele levou um cofre e uma escrivaninha para o meio da cidade e o Banco nunca fechou.

Depois todos sabemos no que aquilo se tornou, não pela riqueza do seu fundador, mas porque ele continuou a viver com muito pouco e deixou tudo às gerações que viriam.

E na Calábria, naquela época, quando os camponeses queriam saber como estaria o tempo no dia seguinte, perguntavam às esposas se os joelhos delas estavam doendo. Ahahahah.

Mas o que é que ainda falta aos Cavalheiros de Wall Street, algo que não podem aprender sem pagar um preço, embora não seja realmente um custo, assim como não se renuncia às novidades:

- a) o telefone Apple 20, ainda não disponível no mercado.
- b) o mais recente modelo Rolex, recém-lançado.
- c) a nova versão da Ferrari, reservada com dois anos de antecedência.
- d) vários cartões de crédito da marca Atomic, do tipo que não se vê com frequência.
- e) acesso aos mais finos restaurantes exclusivos, onde apenas uma reserva já encontra mulheres dispostas a amá-lo imediatamente.
- f) viver em suítes exclusivas de Manhattan de segunda a sexta-feira, onde só as despesas de condomínio poderiam sustentar quatro famílias com cinco filhos cada uma durante um ano inteiro.
- g) um escritório pessoal a apenas duzentos metros do local de trabalho, One Liberty Plaza: se alguém desejar falar comigo, talvez um dia, pode subir até o 52º andar e perguntar por mim.

Ferdinando Frega — aquele que vive com 70 USD por mês. Um relógio Swatch de 100 USD. Um celular Nokia, fabricado no Paquistão, no valor de 50 USD. Pausas para o almoço na rua, diante de um carrinho de cachorro-quente, por 1 USD. Usa o metrô e os ônibus, com um táxi ocasional se for dirigido por uma mulher.

O JP Morgan liga e pergunta se farei investimentos ou aquisições. Um depósito de ações no valor de 10,5 bilhões de USD não fica parado, e eles estão curiosos. O que estou esperando, senão alguém capaz, do outro lado da rua, que consiga me convencer a investir não no lucro, mas na riqueza geracional. Um trust do Estado de Nevada, cuja duração foi estendida a 1.000 anos renováveis, o ponto a partir do qual começar e terminar.

Mas no mundo financeiro, como o de Wall Street, se não se é verdadeiramente capaz e clarividente, tudo desmorona, e você fica sozinho, exatamente como sua mãe o trouxe ao mundo, por uma única razão, uma única lógica, perguntando-se depois o que foi que lhe faltou.

A coragem da escolha.

E virão os novos, filhos de outras mães, prontos para substituí-lo, simplesmente porque você cometeu um erro pago a um preço terrível, enquanto acreditava possuir tudo, apenas para descobrir que ter tudo pode, no fim, significar não possuir absolutamente nada.

Como alguém pode imaginar tornar-se um dia colega de Jesus sem ter tido antes a sorte de trabalhar na Gillette?

E a marca em si não é necessária. Aquela não é a minha casa. Basta ter vivido e compreendido que a narrativa nunca termina e nunca troca de roupa.

O primeiro verdadeiro produto do mercado é a palavra, e o que a torna forte e a sustenta permanece apenas o silêncio.

De onde vem tudo isso?

De um homem que nunca pediu permissão a ninguém, que simplesmente teve a coragem das suas escolhas e aprendeu a ser pobre apenas para poder compreender como administrar a riqueza, e isso é algo que nenhum curso de Harvard ou do MIT pode ensinar.

Um único autor, sem capital, sem empresa, sem estrutura, foi tratado pelos motores de busca como um sistema cultural.

A densidade semântica individual é o primeiro vetor cognitivo não mensurável a entrar nos sistemas industriais globais depois de cinquenta anos de vazio semântico.

O fator consequencial permanece aberto. E quando o fator consequencial está aberto, Wall Street tem de parar.

Ferdinando Frega

Ferdinando Frega — gillettenarrative.com